

Mocambos do Trombetas – História, Memória e Identidade

Eurípedes A. Funes

Universidade Federal do Ceará

1 – Introdução

Falar em comunidades negras, remanescentes de quilombos, no Baixo Amazonas, no Estado do Pará é remeter a uma história marcada por conflitos, resistências de cativos que romperam com a sua condição social ao fugirem dos cacoais, das fazendas de criar, das propriedades dos senhores de Óbidos, Santarém, Alenquer e mesmo de Belém e outros centros urbanos. É navegar nas reminiscências vivas que marcam as experiências sociais e vivências dos afro-amazônidas, descendentes destes negros que constituíram os seus espaços no alto dos rios Curuá, Trombetas e Erepecurú, onde ser livre era possível.¹

As marcas desse processo histórico são visíveis na documentação gerada pelo governo paraense: correspondências, relatórios e autos cíveis; nos jornais da época, nas narrativas produzidas por viajantes, em sua maioria cientistas, que visitaram estes rios ao longo da segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX. Esse processo histórico está visível, e permanente, sobretudo na memória daqueles que são os continuadores dessa luta. Se num primeiro momento o enfrentamento visava construir a liberdade rompendo com a escravidão, hoje a luta se coloca no sentido de libertar a terra para continuarem a ser livres e assegurarem o direito à cidadania.

No diálogo com os mais velhos, moradores das comunidades negras, às margens do rio Trombetas: Abui, Paranhã do Abui, Tapagem, Jamari, Juquiri Grande (Juquiriaçu), Erepecu (Aripecu) e Moura, foi possível encontrar, no labirinto da memória, os varadouros que nos levam à história desses mocambeiros e de seus ancestrais.

Uma memória dinâmica, assim como a história, pois, como afirma Alistair Thomson: “Experiências novas ampliam constantemente as imagens antigas e no final exigem e geram

novas formas de compreensão. A memória *gira em torno da relação passado-presente, e envolve um processo contínuo de reconstrução e transformação das experiências lembradas*, em função das mudanças nos relatos públicos sobre o passado. Que memórias escolhem para recordar e relatar (e, portanto, relembra), e como damos sentidos a elas são coisas que mudam com o passar do tempo. (...) Esse sentido supõe uma relação dialética entre memória e identidade. Nossa identidade (ou “identidades”, termo mais apropriado para indicar a natureza multifacetada e contraditória da subjetividade) é a consciência do eu que, com o passar do tempo, construímos através da interação com outras pessoas e com nossas próprias vivências. Construímos nossa identidade através do processo de contar história, para nós mesmos – como histórias secretas ou fantasias – ou para outras pessoas, no convívio social.”²

A memória mesmo sujeita a influências e novos valores, parte natural do processo histórico do grupo que a preserva enquanto elemento que dá sustentação à identidade e ao sentido de origem, mantém o seu cerne como vínculo entre o presente e o passado. As repetições de fatos, nomes, lugares e atitudes, são marcadores significativos, e ao mesmo tempo reveladores, que permitem traçar a trajetória histórica do grupo. Exemplo: vieram da África, fugiram, mocambeiros, remanescentes. É quando a memória vira fonte para a história.

A memória é historicamente condicionada, mudando de cor e forma de acordo com o que emerge no momento; de modo que, longe de ser transmitida pelo modo atemporal da tradição, ela é progressivamente alterada de geração a geração. Ela porta a marca da experiência, por maiores mediações que esta tenha sofrido. A História, “integra o que no original pode ter sido divergente, sintetiza diferentes classes de informação e contrapõe diferentes ordens de experiências. Traz o meio-esquecido de volta à vida, de uma forma muito parecida à dos pensamentos oníricos. E cria uma narrativa consecutiva a partir dos fragmentos, impondo ordem no caos e produzindo imagens muito mais claras do que qualquer realidade poderia ser”.³

No presente texto, além da documentação e dos relatos de viajantes, recorro a narrativas dos moradores do Alto Trombetas. Alguns ouvidos por ocasião do IV Encontro Raízes Negras, realizado na Tapagem em julho de 1992, numa atividade chamada “mesa com os mais velhos”; o Sr. Raimundo da Silva Cardoso (Donga), entrevistado em julho de 1992, em Oriximiná, e outros em julho de 2000, por ocasião de uma outra viagem àquele rio. Histórias de comunidades cujas ancestralidades remontam às sociedades mocambeiras que se constituíram ao longo do rio Trombetas, no século XIX, em particular nas áreas das cachoeiras, onde os pais de vários desses narradores, e alguns destes, nasceram. Hoje, estabelecidos numa área ocupada por aproximadamente 370 famílias, cujos “ramos” estão entrelaçados por relações de parentesco, compadrio e outras afinidades. Sobretudo, entrelaçados por uma mesma história, partilhando experiências comuns e a constituição de uma identidade marcada pelo sentido de pertença e construção de um espaço único – terras de remanescentes.

Deve-se considerar, ainda, que “entre a construção social, a função simbólica e a organização do território de um grupo humano, existe uma inter-relação constante e uma espécie de lei de simetria. A paisagem é um primeiro reflexo visual disso, mas toda uma parte permanece invisível porque é ligada ao mundo subjacente da afetividade, das atitudes mentais e das representações culturais (...) O território toma aí todo o sentido que lhe foi atribuído por séculos de civilização campesina: ele é, ao mesmo tempo, raiz e cultura. Não é fortuito o fato de essas duas palavras terem um mesmo campo semântico e uma referência comum à terra nutridora.”⁴.

As narrativas vão dando conta de vários lugares de refúgio, nascimento e encontro. São lugares que constituem um cenário de memórias. Um cenário que se configura em território de negros, que, em alguns casos, no processo de fuga e de estabelecimento de mocambos, estes sobrepuseram às áreas ocupadas anteriormente por índios, como é o caso de Mura que virou Moura.

Uma percepção viva do passado, que não é apenas conhecido, mas vivido e sentido pessoalmente, lembrado de forma coletiva.

2 – Caminhos das Cachoeiras

O processo de fuga de escravos, individual ou coletivo, geralmente ocorria em épocas de festas e mais especificamente, no caso da Amazônia, no período de cheias: novembro a maio. Nessa região as festas, em especial as dos ciclos natalino e junino, coincidem com o tempo de inverno e da castanha. Os registros de fugas publicados no jornal *Baixo Amazonas* apontam essa evidência. No dia 3 de janeiro de 1876, do rio Aritapera, fugiu da propriedade de Antônio Luiz de Almeida, o escravo Manoel. Bem conhecido de todos, ele fugiu em companhia de mais dez escravos, "furtarão uma montaria, em que embarcarão para se evadirem".⁵

Uma fuga continuada, e às vezes reincidente, como o caso do carafuz Gregório, que fugiu no dia 16 de dezembro de um sítio do rio Aritapera, "conhecido no rio Trombetas por Raymundo, levando em sua companhia a tapuia de nome Maria, juntamente a escrava Sabina com 2 filhos menores pertencentes a D. Maria Martins. Estes escravos foram capturados em março pelo capitão do matto o Sr. Cândido Manoel do Espirito Santo e entregues ao Sr. Antônio Joaquim Vianna... É de supor que os ditos escravos fossem para o mesmo Trombetas e por isso peço as autoridades de Óbidos e mesmo capitão do mato que haja de captural-os."⁶

Este registro torna-se interessante pelo fato de apontar para o processo de aliciamento praticado pelos quilombolas, uma forma de reprodução dessas sociedades. Observe-se trecho do ofício do subdelegado de polícia de Óbidos, sobre as fugas ocorridas quando da vinda de quilombolas à cidade, "ocazião em que eles cruzão os districtos desta villa, consta que elles fazem esses descimentos por ser o tempo mais oportuno pella facilidade, que dá as enchentes dos rios para se proverem de pólvora, armas e do mais que lhes é necessário. É nesta época justamente que se multiplicão as fugas de nossos escravos por observações que se tem feito, se tem conhecido que elles tem proteção estabelecida dentro desta villa"⁷.

Um alerta nesse sentido foi feito pelo jornal *Baixo Amazonas*, no dia 08 de janeiro de 1876. “Convém também dizer à autoridade de que de janeiro a maio em que enche o Amazonas, é o tempo que os escravos julgam mais apropriado para fugirem Neste tempo o trânsito, que é todo fluvial, facilita-lhes poderem navegar por atalhos que conhecem ou por onde são conduzidos, sem o receio de serem agarrados; por este tempo que é o em que se faz a colheita das castanhas.”

Tempo de festa, tempo de cheias, tempo da castanha - era este o tempo da fuga. Os escravos buscavam o rio, à noite, em canoas tomavam os furos, os igarapés, passando de um lago a outro. Pelos paranãs varavam de um braço a outro do rio. Adentravam pelo Amazonas, subiam para as cabeceiras de seus afluentes da margem esquerda, onde se estabeleciam acima das primeiras corredeiras e cachoeiras, as "águas bravas", interpondo assim, obstáculos naturais entre eles e seus perseguidores.

Processo este, que está nas narrativas dos afrodescendentes, que remetem a outras falas recriando histórias de outras comunidades cujas origens têm a mesma raiz. Segundo o Sr. Raimundo da Silva Cardoso (Donga), da Tapagem *"foi depois que eles fugiram dos senhores, que eles foram fazê a aldeia deles lá muito dentro das cachoeiras do Turuna e Ipoana. A primeira foi Maravilha, a segunda, quando foram atacados, foi no Turuna, daí foram pro Ipoana, lá os homens não chegaram mais."*⁸ Dico, de Oriximiná, por sua vez, referindo-se aos locais dos antigos mocambos do Trombetas, afirma: *"quando eu era pequeno ainda cheguei a ver lá acima da cachoeira a capoeira baixa, abacatais, laranjais, armações de casas que pertenciam aos negros de antigamente"*.⁹

Em alguns casos, essas tentativas acabavam em confronto aberto entre senhores e quilombolas, como no episódio ocorrido em 18-05-1860, quando mocambeiros do Trombetas atacaram a propriedade de Maria Macambira para ver "se conseguirão levar consigo alguns escravos [...] mas não lograrão seu intento, por que forão acoçados por um filho da senhora que os dispersou, prendendo um dos seus agressores o qual fez revelações relativas aos quilombos que ali existem"¹⁰.

Os altos dos rios Erepecurú, Curuá e Trombetas, este em especial, configuraram-se como espaços das sociedades quilombolas, onde as autoridades governamentais tiveram pouco sucesso em suas expedições punitivas, empreendidas desde o início do século XIX.

Assim, na margem esquerda do Amazonas, "desde Almerim até Óbidos", havia mocambos que necessitavam, na opinião do governo provincial do Pará, ser destruídos, "em razão dos graves prejuízos que sofrem os lavradores daqueles distritos com a fuga de seus escravos"¹¹.

Ao longo do século XIX, essas comunidades continuaram a crescer, como bem registra o *Baixo Amazonas*, de 22 de fevereiro de 1873: "Apesar da grande falta de braços no que lutam os agricultores do Amazonas, aumentado este mal em que a avultada emigração para os seringais do Alto Amazonas, ainda temos a lamentar as continuas fugas de escravos que diariamente, abandonam seus senhores para se homisear em nos quilombos do Trombetas, em Óbidos, e Curuá, em Alenquer. O número crescido de escravos que contem estes dois mocambos eleva-se, segundo bons cálculos, a mais de mil. Não encontramos outro meio de extinguir os quilombos, já que tem sido improficuo os meios empregados pelo governo, em suas expedições com o fim de bater os mocambeiro.

Se continuar a fuga de escravos em tão larga escala e com tanto desembaraço em pouco tempo os rios Trombetas e Curuá, terão concentrado em si todo o pessoal escravo do Amazonas e lugares adjacentes."¹²

3 - As Marcas do Caminho

No caminho para as "águas bravas" as marcas dos mocambeiros foram ficando ao longo das margens do rio Trombetas, nos nomes dados às cachoeiras, às ilhas, aos lagos e igarapés. "Infelizmente, Coudreau em seu livro trocou os nomes de algumas cachoeiras dados pelos mucambeiros e únicos conhecidos no município."¹³

Com base na documentação consultada, nos relatos de viajantes e em depoimentos dos remanescentes, foi possível pontilhar o trajeto dos quilombolas durante a fuga, que che

garam ao máximo no Trombetas, na cachoeira *Campiche* e igarapé *Poana*. Na busca das “águas bravas”, os mocambeiros constituíram um itinerário, cujos lugares assumem uma “dimensão simbólica que os fortalecem em suas identidades”.¹⁴

É verdade que os principais mocambos estavam nos altos dos rios, em trechos navegáveis, acima das cachoeiras. No entanto, abaixo destas, nos igarapés e nos lagos como Mocambo, Conceição, Macaxeira, Abui, Jacaré, Tapagem, Erepecu (Arepecu) e Moura, havia quilombos menores. Antigos locais de reunião de mocambeiros, que poderiam servir de apoio, tanto para fuga e comércio com os regatões, quanto para a resistência, sobrevivência e reprodução daquelas sociedades situadas nas águas bravas, uma vez que muitos destes lagos são interligados e os “caminhos”, só podem ser percorridos por aqueles que são “Mestres” como é o caso dos “mocambistas”. Segundo Derby, “o lago de Arapicu diz-se que communica no inverno (tempo da cheia) pelo lado de cima com um braço do lago Jacaré, parecendo que os dois juntos formam um antigo canal do rio separado actualmente por uma zona importante de terras elevadas, nas quaes existem diversos lagos. Refere-se também que elle recebe um igarapé de tamanho considerável.”¹⁵ Por onde provavelmente se comunica com o rio Erepecurú.

Significativo é o nome da primeira cachoeira do Trombetas, batizada pelos missionários franciscanos, de *São Miguel Arcanjo*, anjo guerreiro anunciador que simbolizava a luta desses religiosos contra o paganismo, a selvageria e a barbárie dos nativos. Ao atravessá-la, os negros haviam batizado de *Porteira*, marca do início de um espaço onde apenas seus donos podiam entrar, mocambeiros e nativos da região.

Segundo Barbosa Rodrigues, quando ele saiu na mata acima daquela cachoeira, "por ella descia uma canoa tripolada por mocambistas, que ouvindo alguns tiros, que davam meus companheiros na cachoeira, vinham saber o que significava, como senhores do rio vinham ver quem ousava transpor os seus domínios".¹⁶

Atravessando a *Porteira* e, com *Paciência* e muita briga, o *Inferno*, chegava-se ao lugar onde ser livre era possível – *Maravilha*. Estes são nomes de cachoeiras onde os

mocambeiros se estabeleceram no Trombetas, as “águas bravas”. Maravilha é uma ilha acima da cachoeira Mina. Um lugar cuja posição "não podia ser mais bem escolhida e o ponto mais estratégico", diz João Maximiano de Souza.¹⁷ Maravilha que Henry Coudreau não conseguiu ver, "o mocambo era situado na margem esquerda perto de um igarapé [...] no pé de uma cachoeira de mais ou menos dois metros de nivelamento, atrás de uma pequena ilha, num baixio, na base de uma região montanhosa. Se isso se considera do ponto de vista da insalubridade o local é bem escolhido".¹⁸

Segundo o Sr. Donga, *“Lá eles viviam felizes, não tinha quase maldade nenhuma, senão era festa que eles faziam, aquelas festas de bandeiras, de caixa, de santos [...] Faziam aquelas festas por lá. Era uma cidade que não era lumiada com luz elétrica [...] era fogo de candeia, fogo de fogueira, pelos dias dos santos faziam aquelas fogueiras grandes, alumiam o terreiro. Faziam aquelas luminárias de paus aí eles colocavam as candeias de barro, com 4 bicos, naquele mourão, com banha de pirarucu, óleo de castanha, com esses óleos assim. Aquilo lumiava a noite inteira as festas deles e aquilo era uma maravilha lá.”*¹⁹ São aspectos como esses, permitindo uma "vida tranqüila", que fazem com que no imaginário dos descendentes, o mocambo pareça uma "terra sem males", a "cidade Maravilha".

No início de 1867, foi preso Basílio Antônio, mocambeiro do Turuna, que se encontrava no Curuá "districto de Allenquer, para onde havia descido com seu companheiro Feliciano, que já tinha retornado para o mocambo". No ato do interrogatório, Basílio fez referência a seus companheiros do quilombo Maravilha, que depois do ataque das tropas do governo refugiaram-se no Turuna.²⁰ Um momento que está nas falas dos narradores, entre eles Rafael Printz e Donga . Segundo eles, os mocambeiros chegaram até o Campiche e o Turuna, dali teriam ido para o *Poana*, *"onde os homens não chegaram mais"*²¹.

Nas cachoeiras viveram os bisavós, os avós, nasceram os pais de muitos de nossos narradores, inclusive alguns deles. Como diz D. Rosa moradora do Sagrado - nascida no lugar Coroá , em frente à boca do rio Cachorro – *“a minha bisavó, Maria Dominga, foi*

ter minha avó no tal Turuna. A minha bisavó veio corrida da escravidão, e teve a minha avó para lá. E depois eles vieram baixando”.

A vó do meu pai nasceu nesse Campiche ... Ela falava que quando eles vieram eles subiram aqui nesse rio e foram pras cachoeiras, se esconde dos brancos e de lá a cidade que eles faziam as compras era Óbidos ... Ainda me lembro que ela falava que lá eles faziam festa. , uma festa de Nossa Senhora da Conceição. Ela cresceu morano nesse Campiche, diz D. Luzia Clemente dos Santos, moradora do Juquiri Grande.

Daí começou a volta, para as “águas mansas”, abaixo da cachoeira Porteira. Uma baixada, mesmo antes do fim da escravidão. Senhores do rio. *Quando eles vieram descendo, então eles vieram começando explorar a margem baixa do rio, como bem, explorando a castanha, explorando o cacau, todo os negros vieram fazendo isso aí, explorando castanha,* afirma o Sr Rafael, do Abui, com 80 anos.

Segundo Barbosa Rodrigues, por ocasião de sua estadia em Óbidos, em 1875, os mocambeiros "depois da subida do missionário e vendo que impunes aportavam às povoações começaram a vir, até de dia, em face das autoridades das povoações, onde não só compram e vendem, como trazem seus filhos ao baptismo na freguesia ousadamente declarando que são mocambistas. Diversas canoas delles vi de dia estacionadas no porto de Óbidos; vi alguns levarem os filhos ao baptismo, assim como em minha casa alguns estiveram de dia. Já não admira vel-os desembarcar de dia, o que mais admira é ver elles encontrarem-se com os senhores, pedir-lhes a bênção e retirarem-se tranqüillos, sientes os senhores do dia e hora da partida".²²

Segundo Maximiano de Souza, "os quilombolas em certa quadra do anno veem estacionar no lago, formado pelo Cuminá, para pescar pirayba e fazerem grande salga, para a alimentação no tempo em que escasseia o pescado miúdo e caça"²³. Tempo de salga é tempo de festa.

Era também a foz do "Erepecu", porto de reunião dos regatões "que ali vão anualmente nos meses de fevereiro e abril comprarem o produto do trabalho dos mocambistas".²⁴

Um retrato dessa ocupação é dado por Derby, em 1898, segundo o qual "Actualmente a população do Trombetas está muito espalhada. Até ao logo *Arapicú* há alguns sítios dispersos de brancos e tapuios, sendo aquelles principalmente negociantes que commerciam em castanhas. Entre este ponto e as cachoeiras vivem alguns negros em diversos pontos ao longo do rio até o aldeamento principal que está situado a uma distância de alguns dias de viagem acima da primeira cachoeira. Nos mezes de outubro e novembro muita gente da parte baixa do rio e mesmo do Amazonas, dirige-se as praias de arêa, que ficam immediatamente abaixo das cachoeiras com o fim de apanhar tartarugas e ovos de tartarugas, ao passo que pouco tempo depois, esta mesma região fica cheia de colledores de castanhas. O castanheiro brasileiro é excessivamente abundante no rio e nos lagos desde as cahoeiras rio abaixo até o lago *Arapicú*, e exporta-se todos os annos grande quantidade de castanhas."²⁵

Sem dúvida, essa ocupação gerou um desconforto para as autoridades locais, em particular de Óbidos, em razão da presença e significado dos mocambos, embora, depois de 1855, esses nunca mais tenham sido atacados. O comércio "clandestino" praticado pelos regatões exigiu providências quanto a necessidade de intensificar a fiscalização nessa área e, em 1871, a Câmara de Óbidos "Officiou os fiscais nomeados André Avelino do Amaral para o rio Trombetas e Lago do Arapecú; Ângelo José Valle para o rio Trombetas e lago Carimã; Thomas Benedito Nunes para o rio Trombetas e lago Urapicu e Martinho de Azevedo para o Paranamiry de Baixo".²⁶

Em 1873, diante da persistência da situação, a Câmara envia um ofício ao Governo da Província propondo a criação de novos distritos. "A grande estenção que tem o districto desta cidade no rio Trombetas e lago Sapuacá faz-se necessário ali a divisão da districto com subdelegacia especialmente no Trombetas onde o districto se estende a mais de trinta léguas ficando por essa forma fora do alcance das authoridades; criminozos que por lá se

vão horrorizar, nem só desse districto, como de outros, convindo serem as divisões do districto . Convindo sobre todo fundar uma fregesia no lugar denominado Urua = Tapera (Oriximiná), com invocação de Santa Philomena, na divisão do districto acima mencionado. Ato que foi concretizado.²⁷

Em 28 de setembro de 1890, chegou a Uruá-Tapera, Gonçalves Tocantins, que a descreveu como uma “florescente povoação à margem esquerda do Trombetas, que poucos annos antes havia sido fundada pelo Padre Nicolino (dez. 1877) (...) alma verdadeiramente christã, se havia feito espontaneamente um missionário, um apóstolo daquela pobre gente. Imagine-se com quanto alvoroço aquelles infelizes recebiam o ministro Redemptor, que ia procural-os nos desertos, baptisar-lhes os filhos, celebrar missa, casamento , e levar-lhes palavras de conforto e consolação.²⁸

Dois ideais empolgaram a vida do Pe. Nicolino: “A pacificação e cristianização dos pretos mocambeiros dos rios Trombetas e Erepecurú e a catequese entre os índios.” Para alcançar tais fins, empreendeu várias viagens por estes rios. Assim, o vemos em 1876 em Porteira, no alto Trombetas, catequizando e batizando grande número de pretos daquela região. Faleceu em 1882, no rio Erepecurú, quando fazia sua terceira viagem a esse rio. “Pode-se dizer que dos seus dois ideais, somente conseguiu realizar um - a catequese entre os mocambeiros daqueles rios.” Parece que o referido padre seguiu, e concretizou as orientações do franciscano Mazarino.²⁹

São relatos que demonstram como aqueles Mocambos, ao longo de sua existência, foram visitados por religiosos, viajantes e pesquisadores, e que, mesmo considerados uma "praga" a ser combatida, gozavam de uma legitimidade, inseridos no contexto local e tão "industriosos como o resto da gente do Amazonas",³⁰ com cultura própria e uma organização sócio-econômica como qualquer sociedade "civilizada".

Carlos Printz, 37 anos, morador do Abui diz: *Quando os meus antepassados, os meus avós, eles contavam que o quilombo antes era até chamado de mocambo. Então era um lugar onde o povo vivia junto reunido. E lá eles viviam em comum, onde só viviam mesmo*

os remanescentes aquele povo sofrido. Viviam morando lá. Então, diz que significava Quilombo. Ai teve a história de que teve vários quilombo ai pro alto Trombetas, ai pelas cachoeiras. Ai depois que eles já estavam libertos, foram descendo o rio e foram morando nesses lugares, onde nós estamos morando agora. É no Abui, é na Tapagem, no Paranã, essas comunidades que hoje em dia temos. Então foi assim, segundo eles falou prá gente, que começou essa história.

Se, num primeiro momento, o espaço de liberdade estava acima das primeiras cachoeiras, num segundo momento, a concretude dessa liberdade se dá do lado de baixo. Ou seja, antes do fim da escravidão, mesmo durante a guerra contra os quilombos, as comunidades mocambeiras já faziam parte do cenário do rio manso. Tapagem, Abui, Jacaré, Mãe Cué, Juquiri, Erepecú e Moura, já estavam fincadas ali desde meados do século XIX.

4 – As Comunidades

Nas várias narrativas estão a descrição e a constituição das comunidades quilombolas naquela região, enquanto forma de resistência ao processo de exclusão, dando um sentido de continuidade à luta pela liberdade empreendida pelos ancestrais.

Se a presença dos viajantes, como Henri e Octavie Coudreau (1899), no rio Trombetas, chegaram através da oralidade aos nossos narradores, a passagem da Comissão Demarcadora de Fronteiras (1934), por sua vez, foi vivenciada pelos mais idosos, que juntamente com os seus filhos, e netos, participaram de vários momentos de enfrentamentos quando da implementação das metas desenvolvimentistas, propugnadas pelo governo federal ali representada pela mineração da bauxita (Mineração Rio do Norte) e pelas políticas ambientalista, (floresta nacional e reserva biológica) implementadas pelo então IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal). Os mocambeiros conheceram ações repressivas culminando com expulsão de várias famílias de suas terras. Muitas teimaram em ficar.

Vejamos um pouco mais das histórias de algumas dessas comunidades.

4.1 – Moura

Antes da viagem de Barbosa Rodrigues ao Trombetas, duas outras expedições haviam adentrado esse rio. Uma delas chegou até o lago Mura. Segundo este, “a duas milhas da foz do Paraucú, seguindo sempre pela mesma margem, chegamos ao lago Caypurú, que não é mais do que uma profunda enseada, que ahi faz o rio para o leste, habitada por três famílias de mocambistas. Na margem opposta, a 16 milhas do lago Batata, fica o ponto deste rio, até onde chegou, há annos o vapor Monarcha commandado pelo capitão tenente Parahybuna dos Reis, único que o explorou até ahi.”³¹

É denominado “lago Mura, ou dos Muras, por ter ahi, em tempos idos, havido uma maloca dos mesmos gentios”. D’ahi para cima, só o aventureiro regatão se animava a subir, não levando contudo longe o seu itinerário depois que o frei Mazarino foi levar a religião ao mocambo.”³²

Conversando com o Sr. Mário Santos de Jesus, 48 anos, natural do Moura, assim com os seus pais - Josino Pereira de Jesus e Inês Valéria dos Santos - outras famílias antigas vão surgindo, como as de: Lúcio Macaxeira, Didio Macaxeira, Persivaldo Santana. *Somos parentes do Antônio Macaxeira lá do Jamari.* E ainda, velha Nilda, Esperança, Roxinha, Lídia Siqueira, Duruca Régis, Armerindo Pereira de Jesus. *O mais velho que eu conheci aqui foi o velho Conceição, que morreu com 80 anos, há uns dois anos.* Festa? *A de Senhora de Nazaré. Os protetores da Santa eram: o finado meu pai, Jozino, era Lúcio Macaxeira, era Didio Macaxeira, era os donos da festa. A santa era da minha avó Maria Caetana Pereira de Jesus, que nasceu aqui no Moura.* Observe-se que a Santa já estava com a terceira geração de protetores.³³

O Sr. Alberto Rogério Constantino, de “agrado” *Lúcio Macaxeira*, 81 anos, nascido ali mesmo, é filho de Nicolina Pereira de Jesus e Maciel Constantino Pereira de Jesus. Neto de Margarida Pereira de Jesus e João Paulo Pereira de Jesus. *Eles eram daí de fora.*

Vinheram prá cá corridos no tempo da cabanagem. Tudo isso por aqui era índio que vivia e a prova é que em todas essa terra preta por aí você encontrava figura de índio; daí eles pegaram de veras e vieram entrando, aí os índios também foram se afastando, foram carregando aí prá cima e eles vieram entrando e ficando. Além de Margarida, tinha a velha Emília, velha Brígida, velha Liôncia, velha Tomázia, isso tudo era dos tempos antigos, a velha Cirila também era desse tempo da Cabanagem.

O que era uma terra de índio foi se constituindo aos poucos em território de negros.

A minha avó era devota de Nossa Senhora de Nazaré. Está aqui, eu tenho a santa, olhe essa santa era da minha vó, Senhora de Nazaré. Que os índios afastaram daqui, eles jogavam veneno na água que a febre dava numa hora dessa quando era de manhã entrava de pé prá frente caia todos os cabelos, ela fez uma promessa, essa minha avó, com essa santa que está aqui até hoje.(...) Eu era ainda pixotinho mais ainda mim lembro bem, ela começou a manter, mandou buscar essa santa, também graças a Deus paralisou a família e todo o povo em gerá aí ela mandou fazer essa festa.

Nas festas encontramos fortes elos entre o presente e o passado. Elas constituem lugares de memórias. Os descendentes assumem o cargo de protetor do Santo, uma prática iniciada, geralmente, com os avós ou bisavós, dando assim, continuidade a estas práticas culturais. “Juntamente com as lembranças das festas, há uma releitura da própria vida cotidiana, permeada pelos laços de parentesco, do compartilhar o lugar, a casa, a família (...) a lembrança das festas faz retornar os antigos e a transmissão da fé para os mais jovens.”³⁴

O Sr. Lúcio não se limita a falar das festas no Moura; remete a outros festejos como os encontrados no Abui, cujo padroeiro é São Benedito, *a mais velha era aí na Tapagem, São Sebastião. E Santo Antônio festejado por Sr. Antônio Macaxeira no Jamari.*

Aí se percebe um outro elemento significativo que envolve essas comunidades, os laços de parentescos, constituindo um ramo só, fortalecido no deslocamento populacional,

pelas diversas comunidades negras do rio Trombetas, pelo compadrio e outras formas de solidariedade e de sociabilidade.

É o caso de D. Maria do Carmo Colé Viana, 40 anos, filha de Rafael Printz e Rosa Colé, moradores do Abui. Ela veio para o Moura, por haver se casado com José Lopes dos Santos, natural dessa comunidade. Vivem da pesca, da roça e do trabalho na Mineração Rio do Norte, no Porto Trombetas. Ilustrando esse fortalecimento dos vínculos entre as diversas comunidades, através do casamento, temos, também, o Sr. Lúcio Macaxeira que foi casado com Maria Nicolina de Souza, já falecida, natural do Erepecu, comunidade negra que fica acima do Moura.

Continuando a subir o Trombetas vamos encontrar outras comunidades remanescentes dos Mocambos, algumas ali constituídas desde o século XIX, entre elas as do Aripecu, Juquiri Grande, Mãe-Cué, Jamari e a do Sagrado. Esta última surge com o deslocamento de moradores da Tapagem, do Lago do Jacaré e do Abui.

4.2 – Tapagem

Mais uma vez recorro aos viajantes do século XIX para chegar à Tapagem. Em 1875, João Barbosa Rodrigues chegou às primeiras cachoeiras. Durante a subida do rio, esteve em casa de mocambeiros estabelecidos nas "águas mortas", no mocambo da Tapagem "Ahi fundeado ainda cedo, fui à terra à casa de uns mocambistas que ahi moravam; e que me confirmaram as informações que já tinha e deram-me outras, para as quaes sua longa prática e estada nesse rio, de 35 anos, os habilitava".

"Personificado vi ahi o amor da liberdade. Dous pretos, dous irmãos, Antônio e Miguel, esqueletos ambulantes, com a neve de mais de 70 anos de existência sobre a cabeça, nós trabalhando sem poder, arrastando os perigos de travessias de cachoeiras, sempre sobressaltados, preferindo a vida infeliz que passa, ao socego e descanso de que são merecedores, debaixo do poder de seu senhor. Aconselhando-os que voltassem ao seio da família que abandonaram, que garantia-lhes obter a sua liberdade, responderam-me antes a

vida animal em liberdade, do que o bem estar no cativeiro. Descrentes, pela vida sempre de enganos que passam, no trato com os regatões, não acreditaram na promessa que lhes fiz.”³⁵

A resposta dada por esses mocambeiros expressa o significado dos mocambos: a liberdade contrapondo-se ao cativeiro que, para Barbosa Rodrigues, representava o bem-estar. Aqueles quilombolas sabiam o real sentido do que era ser cativo. Como qualquer "animal", preferiam viver livres, a voltar para a família que os escravizava antes da fuga. E que família?!

Os registros de Barbosa revelavam detalhes significativos quanto à antiguidade desses mocambos e à prática do comércio com os regatões, que possibilitava aos negros "ter tudo quanto precisa inclusive fazenda, sal, pólvora e armas". E com certeza as informações de que necessitavam sobre a movimentação na cidade, no que se refere à organização das diligências.

“Dizendo adeus aos velhos mocambistas, segui viagem,” concluiu assim, Barbosa Rodrigues, a sua visita àquela comunidade quilombola.

Outro visitante que esteve na Tapagem no século XIX foi O. Derby. “Nós fomos bastante felizes em ter conseguido os serviços de um bom rapaz, chamado Rufino, que vivia no lago da Tapagem e não só serviu de guia, mas, também, obteve em nosso favor a boa vontade de outros, ou antes, impediu que fugissem de nós, pois não parecem dispostos a cometer violências, muito pelo contrário, ansiosos por conservar a bôa reputação a este respeito. Durante a nossa estada entre elles mostravam-se ansiosos por que nos não acontecesse qualquer accidente, do qual lhes pudesse provir censura. Uma queda accidental do Dr. Freitas foi-lhes motivo de grande pesar, com receio de que eu pudesse considerar responsáveis por ella. Menciono, de propósito, este facto , porque commumente representam-se os quilombolas como classe perigosa, de ladrões, violentos e preguiçosos, e nós achamos o contrário quietos, de bom coração, e industriosos como o resto da gente do Amazonas.

O número de quilombolas está continuamente crescendo com os nascimentos e com a chegada de novos fugitivos, e actualmente devem contar muitas centenas d'elles no Trombetas e no Cuminá. Elles têm em Conceição uma capellinha e mostram com muito orgulho santos feitos do âmago dos troncos de palmeiras. Celebram os dias santificados com toda a pompa possível, e um padre, que penetrou no quilombo, há alguns annos passados, foi recebido com enthusiasmo. Cultivam muito fumo, que d'antes era muito procurado passando ser o melhor do Amazonas, mas n'estes últimos annos tem decahido do conceito que era tido.”³⁶

No final do século XIX passam, também, por ali os Coudreau, (Henry e Ovtavie) que não guardaram uma boa impressão dos quilombolas encontrados no rio Trombetas, assim como no Curuá, Erepecurú e mesmo na Guiana Francesa e no actual Suriname. . "Seja entre os Bonis ou os Boches de Guiana Francesa e Holandesa, ou entre os mocambeiros de Chouna ou de Ouraraip na Guiana Inglesa, ou naqueles do Curuá [...] se via em toda parte escravos fugitivos apresentando as mesmas características: baixeza, mentira, traição com relação ao branco. Ele se apresentava insolente e tirânico em relação ao índio, enfim, entre eles a regressão rápida em direção aos costumes mais primitivos dos negros tais como aqueles das ilhas de Fidji, Daomé e de Uganda onde, também, se encontrava essa curiosa espécie.”³⁷

Adolpho Ducke, em seu relatório *Explorações Científicas no Estado do Pará*, afirma: “Os últimos moradores são os da “Colônia”, ao pé da cachoeira Porteira, logar lindo como paisagem porém ifeccionado por febres perigosíssimas; mais em baixo, no Arrozal e na Tapaginha, existem espalhados outros d'estes descendentes do antigo “mucambo” (colônia de escravos fugidos de Óbidos, Sanatrem, etc.) do Maravilha, que ficava um pouco ao norte do equador, entre as cachoeiras do Caspacouro e da Mina. Com a falta de hygiene n'uma região insalubre, as moléstias dizimaram horivelmente os mucambeiros, que de mais de mil estão reduzidos a poucas dúzias de indivíduos; da actual geração, muitos exercem o officio de “cachoeirista”, sendo elles quasi indispensáveis para uma viagem em qualquer um dos affluentes encachoeirados do Trombetas. Há entre elles homens fortes e sadios que gozam d'essa perfeita immuidade contra o paludismo, que às vezes se observa

na raça africana.”³⁸

Os “mocambistas” conhecidos por Barbosa Rodrigues e Derby, hoje fazem parte das lembranças dos moradores da Tapagem e do Abui, como Dona Maria Rosa Xavier Cardoso, 76 anos, filha de Felipe Francisco Xavier e Maria Tereza Cordeiro. *Eles nasceram aqui na Tapagem. A mamãe quando morreu ela já estava com uns 80 anos e o papai também já estava caminhando pros 90 anos.* É irmã de Felipe Xavier, já falecido.

O seu avô era do Mocambo, e se chamava Manoel Francisco. *Ele, prá mim mesmo não contava sobre o Mocambo. Já o papai, ele foi prá lá prá cachoeira. Prá lá ele se acompanha com o Vieira, eles eram tudo parente o Gira com o papai e ele foi prá lá com eles, iam prá lá com os índio; dizem que prá lá eles comiam aquelas comidas que aqueles índios preparavam, vinham tudo, tudo eles comiam com eles prá lá, depois ele baxou veio embora, até ele foi casado com a mãe do Antônio Gomes, aí depois disso foi que ele se ajuntou com ela prá lá e eles foram viver. Era de lá de cima. Nasceram acho que na Porteira, foi prá lá também, tudo prá lá.*

A respeito da escravidão quem contava era a avó, chamada Maria Helena. *Ela contava, do cativo, eles vieram da peleja da escravidão, o irmão dela, era Felipe o nome do irmão dela, eles mandavam eles remarem, “rema Felipe” aí ele dizia assim tá seguro meu senhô, ele tinha cada tronco de braço, aí metia o remo n’ água chega espocava lá atrás. (risos).*

Dona Rosa e o Sr. Pedro não ouviram falar nos irmãos Antônio e Miguel, encontrados por Dreby, mas, o Rufino, *olha o Rufino também eu não conheci. Eu ouvi falar, essa cabeceira que vai aí, até que se chama Rufino, porque esse Rufino ele morava práí.* Há o lugar do Rufino..

Quando indaga sobre as festas na Tapagem, Dona Rosa, responde, ao mesmo tempo alegre e saudosa. *Era boa né, porque graças a Deus a festa aqui de primeiro não se tinha essas tantas beverage que hoje tem, era só aqueles velhão que tomavam prá se divertirem e*

foram brincá (...) não assim, não tomavam, pois é, e a música que tinha era o negócio de violino que chama, era tambor, bumbo, essas coisas de pau e corda. Essas lembranças permitiram aos moradores da Tapagem, juntamente com os do Abuí e de outras comunidades próximas, formarem um grupo musical de pau e corda. Nesse sentido buscaram aprender com os mais velhos, que no “tempo da mocidade” eram os “craques” da música por aquelas bandas.

Na festa de ramada, O protetor do santo era o papai. São Sebastião. Tinha uma festa ali das velhas que nós chamava a Jinfonsa. Ali de onde é a congregação, na Água Fria. Elas eram Mocambeiras também, elas festejavam lá a Santíssima Trindade, senhora da Conceição, eles festejavam Divino Espírito Santo (...) mais era muito linda a festa das velhas, preparavam tudo, um bocado de biscoito que dava gosto da gente comê, era a Ana chamavam, né? O nome da mais velha era Ana, tinha a Esméria, tinha a Benedita, tinha a Luzia e tinha a Inês.

A fala de D. Rosa torna-se mais interessante, ao mostrar as imagens de São Sebastião que estão na capela. Há uma de gesso, grande, que foi doada por Gabriel Guerreiro, um político de Oriximiná, e outra pequena, “*mirradinha*” feita de madeira, que teria sido construída pelos antigos. *Nós festejamos essa*, referindo-se a imagem menor. É nessa imagem que está o sentido de ancestralidade, para usar a linguagem dos mocambeiros, “vem do tempo dos antigos”. A devoção se aprende de pequeno, assim com o sentido e o valor daquela imagem identificada com o passado do grupo.

O Sr. Pedro Viana da Cruz, Pedro Barulho, 70 anos, nascido no Arrozal, em um depoimento, por ocasião do IV Encontro Raízes Negras, realizado na Tapagem em julho de 1992, expressou bem o sentimento das comunidades do Alto Trombetas que vivenciaram momentos desagradáveis em relação à chegada das políticas governamentais, no tocante ao desenvolvimento e à preservação do meio ambiente, propugnada para aquela área. Diz ele: *No tempo que me criei, a vida era tranqüila, ninguém tinha perseguição, e vivia muito bem, sem companhia hidrelétrica, sem essas outras conseqüências que está acontecendo agora no meio de nós. Meus pais me contavam certos passados deles que eles viviam.*

Contavam também de nossos antepassados que eram escravos, isto já passou, ontem, já ficou. Sou vou falar de hoje. Mas a gente vivia uma vida boa, ninguém tinha perseguição nenhuma. Eu estou com 59 anos, depois de eu estar com 40 anos, mais ou menos, começou a aparecer no nosso município esse tipo de exploração, de coisas ruins prá nós. Primeiro chegou a onça que foi a mineração Rio do Norte, depois chegou o tigre, que foi a Cruz Alta (onde era para ser instalada a ALCOA), finalmente chegou, tá quereno chegá o leão, que é o mais brabo, que é a ELETRONORTE, quereno formar essa grande barragem; e ainda tem outro mais forte a cascavel, que foi o IBAMA que chegou no nosso meio.

A fala do Sr. Barulho pode ser considerada como uma síntese do sentimento destes atores sociais, frente às políticas públicas impostas pelo Estado nos tempos do milagre econômico em que o lema para a Amazônia era: “integrar para não entregar”.

Em razão do processo de desocupação da área atingida pela reserva biológica, houve um aumento populacional significativo da comunidade do Abui, para onde há muito tempo haviam se deslocado antigos moradores da Tapagem, juntando-se a outros vindos das cachoeiras e os que foram expulsos do lago do Jacaré.

4.3 – Abui

Segundo Maximiliano de Souza, em 1855, na expedição que comandou para destruir o Mocambo Maravilha: “Da foz do rio Arepecú, segui em marcha forçada até o lago Jacaré, onde fiz acampar a força por me dizer o capitão-do-matto existir nos contornos d’aquelle lago um mucambo. Sem perder tempo fiz uma força de 40 praças de reforço dos índios mundurucu voltando dessa exploração de 4 dias sem resultado satisfatório.” Evidentemente que os mocambeiros haviam fugido. É bom lembrar que Maximiano não conseguiu trazer preso nenhum quilombola do Trombetas.³⁹

“No lago do Jacaré começa a parte do Trombetas, percorrida no tempo da safra da castanha por embarcações a vapor e visitada por commerciantes, sendo porém os moradores até Oriximiná muito escassos. Este lago consiste de dois braços unidos perto da

embocadura, extendendo-se um d'elles rio acima até perto do lago de Abui e outro para baixo em direcção as cabeceiras do Arapicú”.⁴⁰

O lago do Jacaré “é o último dos grandes lagos do Trombetas, d’ahi até a cachoeira Porteira há sómente lagos menores, porém as margens do rio continuam baixas e com a mesma vegetação monotona. Os “taboleiros”, praias altas de areia grossa amarellada, são frequentados pelas tartarugas do Amazonas, mantendo a intendência municipal de Óbidos um “fiscal da praia” para obstar à demasiada matança destes animaes utilíssimos e à destruição dos ovos. Os poucos moradores d’este trecho do rio são os restos dos mucambeiros e seus descendentes , hoje talvez umas trinta pessoas.”

É imprescindível falar no Jacaré, para posteriormente chegar ao Abui. Muitas famílias desse lago se juntaram às que estavam no Paranã e Lago do Abui , como a do Sr. Argemiro Vieira dos Santos, 72 anos, neto de Conceição José e Maria do Espirito Santo, *todos nascidos nos altos Campiche e Turuna. Eram mocambeiros, cheguei a conhecê. Contavam do tempo que vieram corrido da escravidão por aí. Eles correram daí prá não servi de lambaia pra eles, espancavam, ele correram e foram se assituá aí pro rio. Eu nasci lá acima da cachoeira Porteira, num lugar pro nome Cachorro. A minha família é só negro cruzado com índio. Porque meus tios não tinha mulhé negra prá eles cruzarem eles cruzaram com índias. Eu tenho muito parente índio. Depois do Cachorro, meu pai veio embora aqui prá Tapagem, vim com 8 anos, e acabou de criar nós aí e minha avó ficou lá na cachoeira Porteira, lá ela se acabou.*

Indagado sobre quando veio para o Abui, Argemiro vira-se para Carlos Printz e pergunta: *Parente se não está lembrando de quando jogaram nós do Jacaré? Que ano foi? Foi em 80? Quem jogou nós foi um tal de Gringo. Nós morava lá então, a gente conhecia aquilo lá como terreno de um tal de Raimundo Costa Lima. Depois ele morreu, aí ficou com a viúva dele, com a filha dele, que casou com um português de nome José Machado e esse Zé Machado vendeu essa terra para um gringo. Diz que o IBAMA comprou essa terra e foram desapropriaram sem direito a nada. Eu recebi pelo menos a indenização que deram, foi de dois mil cruzeiros, naquele tempo, e hoje em dia num dá nem prá comprá*

uma caixa de fósforo. Tinha 25 famílias, que morava lá dentro. Essas 25 famílias foram expulsas de lá. Tem eu aqui, tem um senhor por nome Manduca, tem lá pro Oriximiná, pro Capintuba, no Cuminá, pelo Moura.

Os motivos dos deslocamentos espaciais dos moradores dessa região, como se vê, são fundamentalmente dois: busca de melhor espaço para trabalhar e a expulsão, impulsionada por interesses externos a suas realidades.

São essas razões que levaram o Sr. Raimundo Printz Colé, *Mundaito*, 75 anos, nascido na Boca da Água, a se transferir para o Abui. É filho de Luiz Colé e Raimunda Printz. *O pai era daqui mesmo; a velha era daqui também, mas foi criada pelas cachoeiras. A avó materna chamava-se Alexandrina Printz.* A mulher do Sr. Mundaito é do lago Jacaré. Quando chegou, já tinha algumas famílias morando ali. *Não era muito não. Eu me lembro tinha o Bijoga e Zé Bernardino, já existia prá aí e tinha o Guarina, era... esqueci o nome do pai dele... Quem morava aí era o Guarina. Quem morou aqui nesse lugar, foi uma dona chamada Amélia Rocha; morava Inácia que era uma tia-irmã do meu pai, no lugar da Madalena agora, era o lugar dela, ela morou aí; e a velha Amélia era onde nós estamos agora, nesse lugar.*

Nas falas do Sr. Rafael Printz, 81 anos, e de D. Rosa Colé, 72 anos, encerro minha viagem por esses canteiros de memórias. Em suas narrativas encontramos os últimos, ou primeiros, ramos dessa grande árvore, formada pelas comunidades de remanescentes, ou, o mais correto, desses mocambeiros do Alto Trombetas.

Rafael é filho de José Viana e Sebastiana Printz do Carmo. Neto, por parte de pai de Miguel Viana e Bibiana Viana e, pelo lado materno, de Francisca Maria do Carmo e Rafael Printz do Carmo. Todos eram mocambeiros do Turuna, depois baixaram para o Arroizá (Arrozal) e Nova Amizade. Segundo Rafael, sua mãe morreu com 60 anos e teria falecido “*em cinqüenta e pouco*”. No quilombo do Pacoval, no rio Curuá, encontra-se vários parentes do Sr. Rafael.

Dona Rosa Colé nasceu em Mãe Cué, filha de Loriania e neta de Joana Joaquina do Livramento (Joaninha) que era do Mocambo do Turuna.

Em seus depoimentos o Sr. Rafael e D. Rosa trazem à tona a saga dos mocambeiros que se estabeleceram no rio grande, referindo-se ao Trombetas. *Havia mocambeiros na Macaxeira, sob o nome Atanázio, do Atanázio foram pro Maravilha daí pro Turuna e deram com piché (cheiro) deles, (dos brancos). De novo foram pra Poama, onde se agüentaram lá, porque o Poama fica numa parage, uma ilha grande, que não encosta nem prum lado nem pra outro e eles não podiam chegar lá. Aí foram indo, até que chegou um tempo que Deus viu que o sofrimento - que o sujeito sofre até aquele tempo certo - bastou daqui até pelo Jesus, Jesus sofreu morreu só naquele dia certo que o pai tinha determinado a ele e assim também isso assim, aí vieram descendo de lá prá cá.*

Eles vinheram descendo aos poucos. De lá eles vieram pararam na boca do Cachorro, por nome Croá, de lá vieram aí pro Boto, aí fizeram um acampamento grande aí no Boto, vieram já prá Colônia, outros já vieram pro Macaxeira, que tinha aí um igarapé, onde o primeiro Atanásio fugiu. Ele voltou de novo praí e os outros vieram prá Tapagem, prá Colônia, praí, eles foram se colocando já aí na marge do rio.

Nesse processo de fuga é ressaltada a proeza de Basílio, também lembrada por narradores anteriores, como o Sr. Donga. *Basílio andava dentro de um tacho, daí prá cima. Quando acabava o rancho aí quem vai buscar? O Basílio, porque o Basílio era um negro forrado de muitas orações, uma oração bem maior é a de São João, aí ele vinha embora. Era o meu bisavô, o Basílio, diz D. Rosa.*

Outros atores dessa história vão aparecendo como Rufino, que evidentemente não chegaram a conhecer, mas sabem que: *Rufino também, era um negro velho aí, que até tem ali um nome do lugar por nome Rufino aí ele morava lá, esse Rufino era um preto velho também.*

O mesmo ocorre quando indagados sobre o mocambeiro Ambrósio, sobre o qual D. Rosa Colé traz indícios interessantes. Diz ela: *Ambrósio era da família da velha Inês, Inês era irmã do Boaventura, era dessa família que o Ambrósio era. Eles depois que eles vieram, que subiro, fizeram a moradia deles era aí pro lago do Aripicu. Eles voltaram, quando eles baixaram do Mocambo pro Eripecu. Sim foi, por que teve muito que subiro foram embora, e outros entraro pra o Eripecuru, e outros subiro, entraram aí pro lado da Tapagem. Esse Ambrósio com a turma dele, entraro prá o Eripecú. Tem uma parage lá com muitos anos, anos mermo, uma tá de velha fizeram o acampamento prá lá, fica longe, prá lá tem um castanhalzinho, aí eles paravam prá lá depois que eles começaram a ser libertados, depois que eles começaram a sair. A irmã dele era Inês e o irmão era Boaventura, já os galhos que já estava por aqui era o Miguel Nunes, pai do Didico, que morou com a parenta daqui, do parente aqui minha, também. É dessa família que ele era o velho Ambrósio.*

Indagados sobre o velho Ricardo, que morava na cachoeira Porteira, logo vem a informação. *Careira. Ele era também dos fugitivos, também o pai dele, também. O pai dele era Sebastião Carreira o pai dele. Era casado, a mulher dele chamava Tarcila, dizem o Sr. Rafael e D. Rosa, quase ao mesmo tempo. O olhar ganha uma expressão maravilhada ao admirarem a foto do casal, feita em 1934, pelo fotógrafo da Comissão Demarcadora de Limites.*

Em nossas conversas não poderiam estar ausentes os Coudreau.

D. Rosa diz: *A minha mãe mim contava que quando eles vieram ela ainda era criança, mais já se lembrava de tudo mais ou menos do que acontecia e quando ela veio, quando chegou aí (...) foi no tempo que o marido dela adoeceu, adoeceu e morreu, aí enterraram o chamado Cundururu. Enterraram lá abaixo da Tapagem, era um lugar grande, mais tinha um lugar lá, lá enterraram passou uns três anos (...) e agora com 20 e poucos anos vieram buscar o cadáver dele aí. Na hora da despedida, que os mais antigos, o velho Chico Adão, Antônio e os outros velhos, Joana Amância, esses velhos que já tavam, Sofia o Manoel Francisco são as pessoas que mais ou menos conversavam com eles. E até hoje,*

ainda vem aqui, e acolá, ainda querem ver aí, ver aonde era a cova dele e está aí a cova do francês, era um doutor.

Sobre a Comissão de Demarcação de Limites, o Sr. Rafael todo animado, vai informando. *Pois é, em 1934 entrou a comissão de limite aqui ajuntando alguns moradores daqui, rapazes daqui prá trabalhá., Daqui trabalhou Antônio Cordeiro da Silva, Marcolino Lima dos Santos, Miguel Viana, Raimundo Carlos, o pai do Valério, né? Zé Marcelo. Eles trabalharam na comissão de limites. Na época, estava com 14 anos, trabalhei, mas assim encostado, não me fichei porque eu estava de menor, né? Trabalhava assim, fazia viagem na cachoeira com eles, essas coisas assim lá. Dos maiorais, conheci primeiro o comandante Brás, segundo o comandante Prejocam, terceiro major Santana; aí Gil, Carlos, são esses cinco.*

Antes de se mudarem para o Abui, moraram abaixo da Tapagem, no meio da Água Fria. Estabeleceram-se ali, *porque viu que lá não tava dando bem pra gente morar, aqui tava (...) numa terra, era uma terra boa de primeiro porque agora que a terra do Abui tá ruim que não dá nada a terra do Abui, devido a muita coisa e outras coisas mais e nós viemos pra cá se colocar aqui, se colocemos ali no ramo, pra lá, aonde está a Madalena, nós paremo até fundemos essa casa aqui.*

Eu trabalhava em lavoura; já tive muita roça, milho bananal, essas coisas, essa mulher mim ajudou bastante a trabalhar com castanha,e, naquele tempo, até com cacau eu trabalhava.

Vários comerciantes de Oriximiná faziam o aviamento. *No começo, Costa Lima, Manoel Costa, Costa Lima era um Português, o Suza, o Francisco Sousa, o Duca. Os Guerreiro ... era o José Gabriel Guerreiro, era o que trabalhava mais pra cá era o José Gabriel Guerreiro, ele era patrão, e era prefeito.*

Quando eles (os “antigos” do Mocambo) vieram, descendo, então eles vieram começando explorar a margem baixa do rio, como bem, explorando a castanha, explorando o cacau, todo negro vieram fazendo isso aí, explorando castanha.

Quando eles viu entrou os regatões, chegou lá com alguma mercadoriazinha, já trocando com eles; a troca dessas benfeitorias deles e também da produção da castanha e outras coisas, mais cumaru, e outras coisas. Bem aí eles vieram e aí foram dizem “você são meus freguês”. Aí eles começaram a comprar terra no nome dos pretos, que só quem compravam terra era os negros; eles compravam a terra e levava para Belém e chegava em Belém, trazia o documento de vocês, dizia olha tá aqui o documento, agora eu quero prá passá em branco, que vocês não sabe passá, ia embora e ia colocá o lote da terra no nome dele. E assim foi crescendo, começando a toma a terra dos negros. Engrupia o negro tudo, prá incentivá, prá explorá mais. Quando Foi 60, 62, morreu Zé Machado. Era um português dono do Alto Trombetas. Todo o castanhal pertencia a ele, que foi tomando do meus avós, como até do meu pai. Tomou o castanhal por nome Arroizá (Arrozal), Tapaginha.⁴¹

Na fala do Sr. Rafael pode-se perceber o sentimento, externado também por outros narradores, sobre a ameaça constante ao legítimo direito de posse da terra, onde há mais de um século essas comunidades se constituíram. Num primeiro momento, a perseguição das expedições punitivas, posteriormente, a sujeição, o controle e arbitrariedades praticadas pelos regatões, aviadores, mesmo “quando patrões bons” e, finalmente, a ação violenta praticada pelos órgãos governamentais, em particular nos anos de 1980. O que leva esses mocambeiros a terem, no tempo dos avós, um tempo de fartura, de bondade e o quilombo o espaço de liberdade. Um sentimento vivo na fala de D, Maria Francisca dos Santos (D. Popó), nascida no Alto Trombetas, e que, por ocasião do IV Encontro Raízes Negras, estava com 81 anos. Diz ela: *O que eu lamento e fico sentida é de ver nossa mesa tomada pelos outros, e nós ficamos olhando, com fome, sem podê comê. Isso eu lamento muito. Que no tempo dos meus avós, que eu me criei, isso aqui tudo era liberto, nós não tinha preocupação: ah! Não tem comida? Pega um peixe, pega uma tartaruga e nós vamos comê ... Hoje em dia, nós temos saudade. Se nós pega uma tartaruga, nós temo que comê*

escondido, senão vamo preso, vamo surrado, aqui dentro de nossa terra. Tenho bastante saudade do tempo de liberdade, tempo que passou.

A fala de D. Maria Francisca dá uma dimensão da permanência de uma luta pela liberdade, que secularmente se coloca para essas comunidades negras, portadoras de uma memória social e um forte vínculo com o espaço constituído e a identidade do grupo, que remontam aos seus ancestrais, os mocambeiros do Trombetas, garantindo-lhes um sentido de territorialidade próprio, que funciona como elemento de identificação e força na luta pela posse, e usufruto, da terra.⁴²

Frente às pressões externas, “outros limites são traçados pelos próprios atores sociais no desenvolvimento de sua interação cotidiana, como elementos fundamentais no estabelecimento da absolutamente indispensável dialética nós - eles, que marca a pertença e a identificação dos indivíduos com um e outro coletivo.”⁴³

Mas vamos esticar essa viagem um pouco mais, até a cachoeira Porteira, onde deságua na margem direita do rio, o lago do Mocambo, primeiro refúgio dos pretos. Cachoeira denominada de S. Miguel Archangelo, pelo frei Mazzarino, e Porteira, pelos mocambistas, por ser a primeira.⁴⁴

Porteira é um marco da resistência, um divisor de dois tempos: o tempo das águas bravas, dos mocambos, e o tempo das águas mansas, o das comunidades remanescentes. Tempos que se juntam nas histórias de lutas e de liberdade. Cachoeira Porteira um lugar de memórias daqueles que buscaram a liberdade - os negros do Trombetas.

NOTAS

¹ FUNES, Eurípedes A. “*Nasci nas Matas Nunca Tive Senhor*” – história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas. São Paulo: USP, tese de doutorado, 1995

² THOMSON, Alistair. *Recompondo a Memória: questões sobre a relação entre história oral e a memória*. In **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, n.º 15, abr.1997, p. 57.

³ SAMUEL, Raphael. *Teatros de memória* In **Projeto História**. São Paulo: PUC/SP, n.º 14, fev. 1997, p. 44,45.

- ⁴ BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeeny (orgs.) **Geografia Cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p.106/107.
- ⁵ Jornal *Baixo Amazonas*, Santarém, 8-01-1876. Veja FUNES, Eurípedes A. Nasci nas Matas Nunca Tive Senhor: história e memória dos Mocambos do Baixo Amazonas. In: REIS, João J. e GOMES, Flávio. **A Liberdade Por Um Fio – história de quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras. Ver ACEVEDO, Rosa e CASTRO, Edna. **Negros do Trombetas – guardiões das matas e rios**. Belém: NAEA/UFPA, 1993.
- ⁶ Jornal *Baixo Amazonas*, Santarém, 30-12-1882
- ⁷ APEP. Fundo: Secretaria de Polícia da Província. Ofício do Subdelegado de Polícia de Óbidos, João Antônio Nunes, 15-01-1854. Documentação em caixa.
- ⁸ Donga, entrevista julho de 1993.
- ⁹ Dico. Apud, ACOB. Nossas Raízes. Óbidos – PA, 1990
- ¹⁰ Falla do Presidente da Província Angelo Thomas do Amaral, dirigida à Assembléia Legislativa Provincial. Relatório apresentado pelo 1º Vice Presidente, Fábio Alexandrino de Carvalho Reis, 8-08-1860. Belém Typ. Santos e Filho. 1860.
- ¹¹ APEP. Fundo - Secretaria de Polícia, Ofício da Presidência da Província ao Chefe de Polícia 15-05-1847. Documentação em caixa.
- ¹² Ibid
- ¹³ DUCKE, Adolpho. Explorações Científicas no Estado do Pará. In **Boletim do MPEG**. Vol. 7, 1909, 159.
- ¹⁴ BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território op.cit.p.109.
- ¹⁵ DERBY, Oliver. O rio Trombetas. In: HARTT, C. H. SMITH, H. e DERBY, O. Trabalhos Restantes Inéditos da Comissão Geológica do Brasil, 1875 – 1878. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**. Tomo II, fasc. 1 – 4, 1897 – 1898, p. 373.
- ¹⁶ RODRIGUES, João Barbosa. Rio Trombetas. In: **Exploração e estudo do Valle do Amazonas**. Rio de Janeiro Typografia Nacional, 1875. p.23, 24.
- ¹⁷ João Maximiano de Souza. O Trombetas. In: Jornal *O Baixo Amazonas*, N.º 53 de 25/12/1875.
- ¹⁸ COUDREAU, Octavie. **Voyage au Trombetas**. Paris: A. Lahure, Imprimeur – Éditeur, 1900.p.67
- ¹⁹ Donga, entrevista julho de 1993.
- ²⁰ Cartório do 2º Ofício de Santarém. Autos Cíveis de Arrecadação do escravo Antonio Basílio. 10-09-1867.
- ²¹ Donga, entrevista de julho de 1993.
- ²² RODRIGUES, João Barbosa. Rio Trombetas op.cit. p.16.
- ²³ Maximiano de Souza. O Trombetas, op. cit.
- ²⁴ RODRIGUES, João Barbosa. Rio Trombetas op.cit. p.16
- ²⁵ DERBY, Oliver. O rio Trombetas op. cit. p
- ²⁶ Câmara de Óbidos. Livro de Acta da Sessão Ordinária de 17-17-1871–P 124
- ²⁷ Câmara de Óbidos. Livro de Atas da Câmara. Ofício enviado ao Presidente da Província do Pará – 22 – 07-1873. P. 96 e 97 .
- ²⁸ Revista da Sociedade de Estudos Paraenses – Rio Cuminá – Recordações Gonçalves Tocantins **Diário Oficial do Pará** – N.º 1014 2-12-894 P 402.
- ²⁹ O Cinquentenário da Prelazia de Santarém – 1903-1953. Apontamentos publicados pela Cúria Prelaticia em colaboração com os Padres Franciscanos de Santarém. Santarém – PA, 1953
- ³⁰ DERBY, Oliver. O rio Trombetas op. cit. p .370.
- ³¹ RODRIGUES, João Barbosa. Rio Trombetas op.cit p.11.
- ³² Id. Ibidem p. 16.
- ³³ - Protetor é o dono do santo, o que o guarda e é o encarregado de fazer a festa em seu louvor.
- ³⁴ LEITE, Ilka Boaventura. **O Legado do Testamento – a comunidade de Casca em perícia**. Florianópolis: NUER/UFSC, 2002, p.173.
- ³⁵ Id. Ibidem p.20.
- ³⁶ DERBY, Oliver. O rio Trombetas op. cit. p.373
- ³⁷ CODREAU, O. **Voyage au Trombetas**. Op. cit. P. 130.
- ³⁸ DUCKE, Adolpho. Explorações Científicas no Estado do Pará. Op. cit. p. 159,160.
- ³⁹ Maximiniano de Souza
- ⁴⁰ DERBY, Oliver. O rio Trombetas op. cit.1898, p.373.
- ⁴¹ Rafael Printz – entrevista por ocasião do IV Encontro Raízes Negras – Tapagem

⁴² - ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de *Terras de Santo, Terras de Índio – uso comum e conflito*. In CASTRO, Edna de & HÉBERTTE, Jean e (orgs) **Na Trilha dos Grandes Projetos**. Belém: NAEA/UFPA, 1989 p.163-196.

⁴³ REYES, Javier Escalera. Prólogo In. DEL RIO, José Maria Valcuende. **Fronteras, Territorios e Identificaciones Colectivas – interacción social, discursos políticos y procesos indentidarios em la frontera sur hispano-portuguesa**. Sevilla: Fundación Blas Infante, 1998. p. 16

⁴⁴ RODRIGUES, João Barbosa. Rio Trombetas op.cit p.22.